

Municípios
Atílio Vivácqua

AJ07875

TEXTO E FOTOS DE
ROSÂNGELA VENTURI

Cachoeiro - Sucursal - São Felipe não é vila e nem cidade, é um lugar pequeno cheio de novidade. Esses versos abrem o primeiro capítulo do romance *Marapé*, do autor capixaba Levy Rocha, publicado há quase 20 anos. *Marapé* é também o nome pelo qual é conhecido o município de Atílio Vivácqua, emancipado de Cachoeiro de Itapemirim em 1964. O livro, cujas histórias são ambientadas no período que antecede a Revolução de 30, é uma das poucas referências históricas (ainda que romaneadas) do lugarejo que oficialmente já se chamou São Felipe.

Provocados pela precariedade de registros e informações sobre a origem do município, sete estudantes da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cachoeiro de Itapemirim (Fafi), todos formandos e residentes em Atílio Vivácqua, desenvolveram um projeto de pesquisa intitulado *Resgate Histórico das Origens do Município de Atílio Vivácqua*.

O grupo é formado por quatro alunos do curso de História (Christine Venturi, Cláudia Márcia Ghiotto, Deuzimar Martins Dias Pereira e Larissa de Albuquerque), dois de Letras (Cleide Cecília Ghiotto e Wellington Nunes) e uma de Pedagogia (Lúcia Nascimento Soares). A conclusão do trabalho aponta não para uma única, mas pelo menos para três versões sobre a formação histórica do que hoje é o município.



Versões

Uma das hipóteses sobre o povoamento foi que o núcleo urbano teve início ao redor da estação ferroviária, que favorecia o escoamento da produção, mas não se descarta a possibilidade de que a estação tenha apenas contribuído para seu crescimento

Projeto resgata memória de Atílio Vivácqua

Para desenvolver o projeto, o grupo enfrentou dificuldades para obter informações documentais. "Esperamos que o nosso trabalho contribua para conscientizar as pessoas sobre a importância de se preservar a memória", frisa a formanda em Letras Cleide Cecília. A escassez de informações sistematizadas se refere tanto ao período mais antigo, das origens do município, quanto à história das últimas décadas.

Ao recorrer aos depoimentos dos moradores mais antigos, o grupo se surpreendeu com a minúcia dos relatos e pode perceber que as histórias contadas são fonte rica para novas pesquisas. "O exercício de olhar para o passado fez com que nos sentíssemos ainda mais comprometidos com a construção do futuro", definem os estudantes. O resultado do trabalho pode ajudar na busca da resposta para uma pergunta em forma de trova que encerra o livro de Levy Rocha: *Esse lugar mudou de nome, agora se chama Marapé; se não é vila nem cidade, então, me digam o que ele é...*

Rasga pão

A expressão *rasga pão* é associada com frequência aos habitantes de Atílio Vivácqua. Trata-se, na verdade, de um estereótipo cuja origem remonta à década de 50, quando o nome do município ainda era Marapé. As estudantes de História Deuzimar Pereira e Cláudia Ghiotto, que fizeram uma pesquisa sobre o assunto, têm a explicação para a origem do termo.

Durante muitos anos, o meio

As questões que nortearam a pesquisa são as seguintes: O início da cidade de Atílio Vivácqua seria causado pela instalação da estação ferroviária, no começo do século? Qual o motivo da ocupação humana na região? A hipótese inicialmente observada foi a de que o núcleo urbano teve início ao redor da estação que favorecia o escoamento da produção agrícola. Também foi considerada a possibilidade de que a localidade já estivesse se formando e que a estação tenha sido apenas mais um fator que contribuiu para o seu crescimento.

Povoamento

“O projeto teve por objetivo geral resgatar historicamente a formação do município”, enfatizou a estudante e também professora de História Deuzimar Pereira. A verificação dos fatores específicos que influenciaram a escolha de determinado local para o início do povoamento e posterior emancipação, bem como os pioneiros da história da localidade, além da determinação dos limites geográficos do município antes e depois da emancipação e as denominações da localidade, desde a sua origem, também foram objeto de pesquisa, conforme destacou.

A futura pedagoga Lúcia Soares recorreu aos versos do poeta Casimiro de Abreu (*Todos cantam sua terra, também vou cantar a minha...*) para justificar a pesquisa. “Casimiro de Abreu expressa a dignidade e o prazer que o indivíduo sente ao poder contar sobre suas raízes, sua terra. O povo de Atílio Vivácqua pouco tem a falar, pois é insignificante a quantidade de dados levantados sobre as origens do município”, disse.

A pesquisa sobre o resgate histórico teve apoio da Secretaria Municipal de Educação. Já existe um projeto da Prefeitura que prevê a restauração do prédio da estação ferroviária, construído em 1903, para transformação do espaço em museu. Desde abril os estudantes vêm pesquisando documentos e utensílios referentes ao período histórico que compreende a origem do município até a emancipação.

O grupo visitou moradores antigos e ouviu longas e curiosas histórias que as novas gerações ignoram, como o fato de que na cidade já existiu um cinema. Os estudantes vasculharam livros de cartórios, mapas e garimpam in-

formações em obras que tratam da história de municípios vizinhos como Muqui e Cachoeiro de Itapemirim. Famílias pioneiras na formação do núcleo urbano emprestaram fotos de seus acervos particulares ao projeto.

Todo o material da pesquisa ficará à disposição do público em local a ser definido pela Secretaria de Educação. Cópias do trabalho também serão entregues à Biblioteca Municipal e à biblioteca da Fafi. O grupo planeja lançar um livro sobre o projeto, mas não dispõe de recursos para custear a publicação.

Formação histórica

A colonização de Atílio Vivác-

qua está vinculada à história de Cachoeiro de Itapemirim, do qual foi distrito até a década de 60. A versão mais divulgada aponta como desbravador e fundador de um núcleo que originaria o município o tenente-coronel José Pinheiro de Souza Werneck, oficial da Ordem da Rosa e Cavalheiro de Valença (RJ).

Alguns registros informam que por volta de 1840 o fazendeiro chegou à região, desbravando suas terras à margem esquerda do Rio Muqui do Sul, afluente do Itapemirim. Mais tarde, trouxe a família, instalando-se na Fazenda Santa Teresa do Sumidouro. Sua propriedade era considerada uma

das mais ricas, tanto em lavouras como em quantidade de escravos.

Uma segunda versão aponta o início do povoamento pela localidade de Vila Nova. O desbravador teria sido Felipe José Leal que, segundo alguns registros, teria chegado à região por volta de 1836, “derrubando o mato e plantando as primeiras lavouras de café no lugar denominado Vila Nova”. Há registros que apontam o verdadeiro nome do desbravador como Felipe Gomes Leal.

A terceira e menos divulgada versão aponta a possibilidade de formação do município pela localidade de Deserto Feliz, margeando o Rio Muqui. Os desbravado-

res teriam sido atraídos pela suposta existência de ouro no Rio Muqui. Os estudantes informam que ainda existem terrenos com vestígios de escavações na região. Essa versão aponta também a possibilidade de terem existido quilombos na área.

O grupo esclarece que, embora distintas, as versões não se contradizem. Novas pesquisas poderão complementá-las e até estabelecer relações entre elas, na avaliação dos estudantes. Quanto ao surgimento do núcleo urbano, a pesquisa confirma a influência da construção da estação ferroviária, nas terras pertencentes à família Júdice, no início do século.

Durante muitos anos, o meio de transporte mais utilizado pelos moradores de Marapé para se deslocar até Cachoeiro de Itapemirim eram os trens. Na década de 50, Felipe Júdice criou a Viação Marapé. A denominação *Marapé Rasga Pão* está relacionada a essa empresa de transporte. Embora já existisse uma padaria no distrito, os moradores preferiam comprar pães em Cachoeiro.

Juntamente com os sacos de pães que eram entregues nas vendas (espécie de mercearia), eram enviados também um embrulho para o motorista e outro para o cobrador, contendo quatro pães cada. A fome apertava e muitos comiam ou “rasgavam” os pães durante a viagem. A prática se estendia também aos passageiros. Não demorou para que passassem a ser identificados como *Marapé Rasga Pão*.

O estereótipo não incomoda a maioria dos habitantes. Ao contrário, o apelido é visto com bom humor e já está incorporado à identidade dos atilienses. São frequentes os casos de reconhecimento da expressão em outras cidades da região e até em outros estados.



Informação

O principal desafio dos autores do projeto de resgate histórico do município é sistematizar todos os dados obtidos por meio de antigos moradores e fotografias. A pesquisa vai contribuir para facilitar o ensino da história local

HISTÓRIA

Os vários nomes do povoado

A primeira denominação oficial do povoado, segundo aponta a pesquisa do grupo, foi São Gabriel de Muquy, em 1891, quando passou a segundo distrito de Cachoeiro. Por decreto estadual, o nome do distrito foi mudado para São Felipe, em 1903. Na década de 40, houve a troca para Marapé, palavra de origem indígena que significa caminho aberto para o mar. Com a aprovação da emancipação, no final da década de 50, o nome foi novamente mudado, desta vez para Atílio Vivácqua, em homenagem a um político da região de Cachoeiro.

Atílio Vivácqua fica a 152 quilômetros de Vitória. Tem cerca de 12 mil habitantes. Limita-se com Cachoeiro de Itapemirim, ao Norte; com Presidente Kennedy e Mimoso do Sul, ao Sul; com Muqui, a Oeste e com Itapemirim, a Leste. O município foi criado em 63 e instalado em abril de 64. A base econômica é a atividade agrícola e leiteira. Mais recentemente tem se ampliado a atividade de extração e beneficiamento de granito.